

poesias de cura



/autoria
compartilhada

poesias de cura

1ª edição
São Paulo
2024

/autoria
compartilhada

poesias de cura

Ana Izabel
Ana Paula Ornellas
Andrea Ferrara
Angel Natan dos Anjos
Aninha do PACS
Bruh Francisca de Sousa
Cassia Maria Braga
Cícera Danuze
Cleusa Helena
Elaine Oliveira
Girassol Andrade
Katia Valério
Laura Ribeiro
Marcia Valentim
Mariana Lima Paulo.
Marina Vergueiro
Menininha
Michelle
Raquel Vitória
Vera Lu
Vitoria Cruz





Apresentação

Marina Vergueiro

Eles nos usurpam a cura!

Diariamente.

Desde os anos 1990, eles nos roubam a cura.

Eles nos deram os antirretrovirais, muito obrigada, mas eles se negam a nos oferecer a cura.

A cura que não é deles, não os pertence. Não os toca. Não transforma suas vidas. Não os impede de, sim ou sim, carregar ao leito de morte um corpo cheio de dor e já esquelético. Eles decidiram que não teremos direito à cura.

Porque a ausência dela os enriquece.

Ou melhor, a nossa esperança ad eternum pela cura é o que movimenta os bilhões de dinheiros que pagam suas mansões, carros de luxo, férias na Toscana, yachts em Ibiza, vinhos de 1900 e nada, styling da Semana de Moda de Paris, acessórios de alta costura fabricados com trabalho análogo à escravidão por imigrantes ilegais em algum canto obscuro de um país europeu, modelo em sustentabilidade e líder no ranking de direitos humanos (para corpos brancos).

Mas eles não falam isso abertamente, seria ruim para os negócios.

Eles dizem que o hiv fica mudando os looks e por isso é difícil matá-lo de uma vez por todas. De extingui-lo. De exterminá-lo, até que as meninas da África subsariana parem de morrer antes mesmo que pudessem viver; de evitá-lo, até que as jovens mulheres da América do Sul não tenham mais que gestar filhos de seus estupradores e ainda aderirem ao tratamento antirretroviral, no sigilo, por medo do julgamento moral e da revitimização; de impedi-lo, até que as indígenas latino-americanas não tivessem que morrer por suicídio porque as políticas públicas ainda não fazem questão de incluí-las nos protocolos de prevenção e tratamento; de vetá-lo, até que idosas não tenham que lidar com a infidelidade de seus maridos após 30 anos de casadas, além das comorbidades da idade e, ainda mais, com todas as facetas da infecção por esse vírus, do estigma à ingestão de comprimidos diários; de erradicá-lo, até que mulheres trans possam cuidar de sua saúde sem que tenham que passar pela humilhação inerente a cada atendimento médico conduzido por profissionais de saúde desinformados e preconceituosos; de liquidá-lo, antes que novas meninas sejam infectadas por seus familiares e conhecidos após serem abusadas sexualmente; de finalizá-lo, para que possamos todas termos uma vida digna, na qual não sintamos culpa por amar, nem desejar, nem gestar e nem simplesmente viver.

Eles nos privam da cura e da vida porque nossos corpos são altamente lucrativos e historicamente manipuláveis.

Eles têm a fórmula para nos matar.

Eles têm a receita para nos deixar viver.

Mas eles não têm as chaves do nosso instinto de vida.

Eles não conseguem destruir nossos laços e nossas redes de acolhimento.

Eles não poderão jamais nos quitar da nossa potência criativa e da ânsia inata de nos lapidarmos cotidianamente, para que sejamos sempre melhores para nós e para quem amamos.

Eles não vão impedir que passemos um café, assemos pães de queijo e falemos sobre as dores e as delícias de sermos mulheres.

A cura que eles têm é científica, química, matemática, econômica, política, cínica, perversa, sádica, violenta.

Lucrativa.
Patriarcal.

Nós temos a nossa própria cura!

A nossa cura não passa por um laboratório, nem uma sala de reuniões com frapuccino e croissants da máfia capitalista.

A nossa cura vem do encontro.
A nossa cura nasce da palavra.
A nossa cura acontece na escuta.
A nossa cura brota da escrita.
A nossa cura é revolucionária.
A nossa cura é inatingível.
A nossa cura é a nossa única opção.

Com vocês, poesias de cura!

30 invernos

Ana Izabel

1. Semente acidental, forró casual
2. Choro inconveniente
3. Curiosidade cansativa
4. Ciúme pungente
5. Fala diferente, leitura urgente
6. Isso é fome, dorme que passa
7. Cultura e arte, o lado mais lindo da vida
8. Ela era tão quietinha, agora tá terrível
9. Puxão de cabelo
10. Por que eu sou perigosa? Os soldadinhos não vão me proteger?
11. Como eu salvo a minha irmã? Esse homem me dá medo
12. Eu quero salvar o mundo. Preciso sobreviver primeiro.
13. Alguém vai me ajudar.
14. Como eu me salvo de mim?
15. Se eu sou mesmo bonita, o príncipe vai me amar
16. Sexo casual, em busca do amor irreal
17. Concepção acidental
18. Luto. Alívio. Culpa
19. Sonho ou pesadelo. Alguém já morreu de medo?
20. Como dar o amor que (acho) que não recebi?
21. A mãe que não sabe amar está sozinha agora.

22. Trabalhos exploratórios
23. Fuga para a noite e o álcool
24. Eu me sentia tão bem naquele dia...
25. Tem madrugadas que são tão escuras, densas, que não acabam nunca
26. Ninguém precisa saber, a culpa foi minha mesmo
27. O amor não é para mulheres como eu
28. Jogando no próprio time
29. Eu tento pra kralho
30. Expectativas e frustrações.

Que os próximos 30 anos não sejam tão dolorosos. Afinal, sempre fui teimosa e não é agora que vou desistir de amar. Aos meus amores, à minha querida filha, meus amigos, tenham paciência, eu vou melhorar.



Tudo está conectado

Ana Paula Ornellas

Tudo é invisível aos olhos, que traz uma profunda conexão
com o infinito, tempo e o espaço

Tudo está conectado

É como uma teia, com seus caminhos entrelaçados e pas-
sados, com seus emaranhados fadados ao fim e recomeços
a fim de se encontrar

O que serás de mim, se não arriscar, se não tropeçar e me
achar ?

Depois tropeçar, cair e se levantar

Ai de mim o tempo que levar

Infinito o meu viver

Ana Paula Ornellas

Sonhos, desejos, propósitos, sentimentos
Vão-se as paixões e sentimentos invadem sua mente e você
se rende
Abstrai da sua mente a negatividade, que invade o seu peito
a positividade
Diagnóstico positivo, infância perdida ?
Nada disso me fez incapaz de viver
Viver com hiv
Será que é possível, sobreviver ?
Nasceu com hiv e acordou para a vida
Sensações de abandono e admiração
Voz da consciência, com absoluta certeza do amanhã, hoje
e sempre, sabe que o pra sempre, sempre será.

Quarto de maternidade

Andrea Ferrara

Paro na porta do quarto da maternidade
Uma luz entra pela janela iluminando o cômodo com o sol da manhã
Na parede, o poster “Amamentação: nutrição completa, amor infinito”
No leito, sentada, uma mulher com um bebê dormindo no colo
Lágrimas escorrem dos seus olhos
Sua camisola, um pouco aberta, mostra os peitos enfaixados
Rodelas molhadas rodeando os mamilos revelam o leite que insiste em sair
Na mesa de cabeceira, uma mamadeira vazia, um frasco de cabergolina
E um exame de carga viral indetectável, que provavelmente seria o aval (que não existiu) que a liberaria para a tão desejada amamentação..
A cena que vejo fica impregnada na minha retina
Saio em silêncio e caminho tristemente pelo corredor.

Viver mulher

Andrea Ferrara

Mulher
Ser mulher

Senta direito!
Você tem que se dar o respeito!

Mulher
Ser mulher

O padre, o ficante, o namorado, o vizinho
Pequenos abusos que só tomamos ciência anos depois

Mulher
Ser mulher

O medo de andar na rua escura
De dirigir à noite sozinha

Mulher
Ser mulher

Pensar na prevenção
Gravidez e IST

Mulher
Ser mulher

Ser calada numa reunião
Não ser respeitada enquanto fala

Mulher
Ser mulher

A consciência que somos únicas, fortes
Ancestralidade e união
Não fomos ensinadas a acreditar uma nas outras

Mulher
Ser mulher

Flor rompante
Grito pulsante
Rocha voante
Ser única

Mulher
Sou mulher

Tabaquinho

Aninha do PACS

Doente, muito doente de alma eu me encontrava.

A culpa me carregava...

Ele apareceu e deu sentido à minha vida.

Antes deu sequer pensar, lá estava ele a realizar.

Parceiro, amigo, leal escudeiro.

Ruim de cama pra cacete, mas ele me aceitava, que homem!

Dizia eu ser muito além do hiv, e eu acreditava.

A cama e a janela aberta eram as únicas testemunhas que o hiv menos importava...

A janela aberta, que amenizava o calor de nossos corpos, era o meu real prazer.

A menopausa era o que me fazia pegar fogo e a pobre da cama nada tinha a ver com isso.

Fiquei com a cama e, ele, passei a ver pela janela.

De leal tornou-se meu algoz.

Com torturas psicológicas alimentando meus monstros com muita culpa ele se foi.

Se foi, não pela culpa que me imputava, mas por se amputar de meu coração.

Os rótulos ficaram cravados em mim, em cada amigo encontrado, em cada espaço em comum.

Eu, Indetectável, continuei meu caminho, ainda carregando meus rótulos por meus caminhos. E ele, que não tinha o hiv, se foi por causa do seu tabaquinho.

Sobrevivente do Amor

Aninha do PACS

Julho de 2014.

Brasil 1 X 7 Alemanha.

Tristeza engasgada e enganada com cerveja e um primeiro beijo pra acalmar.

A paixão pelo futebol se perdeu em meio ao meu lençol.

Contar 1 X 7 Calar.

Será que ele irá me aceitar? Entender? Permanecer?

Pensa, pensa, pensa! Feito uma vaca a ruminar.

Tesão não é paixão.

Paixão não é amor.

Amor não se mede por contar ou por calar.

Medo, angústia, estigma, preconceito, discriminação e a não adesão, sim, podem matar o amor que acabou de chegar.

O hiv, ainda mais indetectável, certamente não.

Será que ele sabe a diferença de hiv para aids?

Do ir e me deixar?

Será?

Será?

Será?

Como saber se eu me calar?

Contei, uffa!

Por seis anos, vivi torturas psicológicas por contar.

O hiv permitiu que ele ficasse.

O câncer o fez se afastar.

Mas foi a sepse pulmonar que o levou para nunca mais voltar.

3 de maio de 2017

Bruh Francisca de Sousa

Reagente - 7346 cópias;
Solidude, vazio, medo e morte?
Confusão mental, enraizada pela falta de informação;
Fechei-me, natural,
Puxou-me para o abismo, escuridão;
Companheiro, que companheiro?
Xingos e dor somente isso que eu ganhei.
Procurei respostas, sem sucesso,
Hospedeiro da infecção nunca encontrou;
Respostas que eu desisti.
Resiliência, apoio e abraço.
Encontrei-me hiv+.
Remedinho mágico, TARV, 2 comprimidos após o jantar.
Luz e Segurança I=I idem I=0
Família e amigos e casinha branca com janelas verdes
sinônimo de AMOR.
Esperança de cura, a ciência, em breve responderá.
Com amor próprio, a vida segue cada dia ressignificando!

Manchete



NATAN

Utopia

Bruh Francisca de Sousa

Século XXI

43 anos de epidemia e lutas

Discurso de ódio, latente

Sorofobia gritando

Não somos estatísticas, nem números

39.000.000

Somos pessoas reféns de um vírus, controlável e sem cura.

É as Marias, é as Joanas, é as Antônias;

Mulheres cis, Mulheres trans.

Mulheres com sua identidade protegida.

Lei nº 14.289/2022

Mães, filhas, avós, tias, irmãs, amigas .

Todos os povos, gerações, raças, costumes, cores e crenças.

hiv não te escolhe.

Gordo ou magro

Rico ou pobre

Transmissão horizontal

Vida sexual ativa.

Tenofovir 300mg + lamivudina 300mg + dolutegravir 50mg

(doses diárias de vida) TARV

Somos iguais.

Minha criança

Cassia Maria Braga

Perdão, minha querida, fiz tudo o que pude.
Te defendi, escondida de todos, quando não sabia de algo,
para que não te ferissem, não te julgassem.
Oh, meu amor, como te amo, como te amei.
Embora, olhando hoje, de longe, parece até que não foi
assim.
Era só eu pra cuidar de você.
Eu tinha apenas 6 anos de idade quando te percebi, não
tinha com quem contar, era eu e você, bebê!
O que podia fazer quando chamaram sua atenção por
ter feito xixi no chão do quarto, pois a casa era grande e o
banheiro distante?
Chovia e trovejava. Você, bebê, assustada, fez xixi ali no
chão.
Você toda envergonhada, na esperança que não descobris-
sem que foste tu.
Além da descoberta, teve que lavar teu lençol, sem nunca
ter lavado roupa.
“E anda logo, pois ainda tens que ir pra escola!”
Meu amor, sempre te amei e sempre vou te amar.
Mesmo nas diversas vezes que tentei tirar sua vida, foi pra
você parar de sofrer.

Me perdoa, por favor, pois nem mesmo isso fui capaz de fazer.

Eu te amo e sempre vou te amar!

Tudo borbulha em mim

Cícera Danuze

Tudo borbulha dentro de mim, parece que vai explodir, não sei, não entendo, porque tudo que me afeta causa intolerância, sempre foi assim, não creio que sou desta dimensão, será que estou na dimensão errada?

Bem, a verdade é que minhas fugas me colocam em situações perigosas, nestas fugas parecia que estava na dimensão ideal, aliviava, mas momentaneamente, será que não sou normal?

A vida segue e eu tentava me encaixar nesta dimensão contínua, que dimensão complicada, tenho que corresponder o tempo todo a todas expectativas, mas a intolerância, sempre está em mim. Inconsequências continuam acontecendo, engraçado, elas não me afetavam, eu estava tentando ir para a dimensão correta.

Mas como chegar lá? Como me sentir bem? Como ser completa? Talvez, me encaixando nesta dimensão, consigo aceitar esta dimensão.

Ok, não serei mais intolerante, corresponderei às expectativas em mim depositadas, por fim, me encaixarei, serei desta dimensão, vou me tornar completa...

A água se aqueceu, começou a borbulhar, pegou pressão, explodiu....

Enfim, eu sou desta dimensão, a dimensão que eu acreditava ser correta pra mim sempre foi esta, nada se encaixava, eram dimensões incompatíveis, eu não estava aqui, eu não estava em mim, tudo me afetava e a irracionalidade habitava em mim.

Tudo borbulha em mim, agora sei que estou na dimensão correta e o que me afeta de fato afetará se eu permitir.

Conceitos da raiva

Girassol Andrade

Resultado de uma testagem
Quando tudo iria mudar
Importante dizer que sem você,
Vírus, isso não iria acontecer
Amanheceu, eu sobrevivi com você em mim,
sabendo que não seria o meu fim.

Preconceito
O que você é, se não o conceito sobre todos diferentes
De opiniões e realidades
Quero achar o conceito
Que o preconceito nos faz acreditar que o vírus não pode
estar em qualquer lugar, pessoas...
Sim, deixe o seu preconceito não me definir.

Uma carta para um girassol

Girassol Andrade

Sou Girassol, uma mulher cis, preta, linda, cheia de sonhos e frustrações, que em certo momento, numa manhã de domingo, recebeu uma notícia. “Olha, Cláudia, quero lhe informar sua situação de saúde...” Como assim? Eu, sabendo da minha saúde, aquela coisa que meu corpo teria que aprender, comecei a perdoar.

Um vírus, uma carga ou, talvez, uma nova história, uma nova etapa que esse vírus iria me proporcionar. Foi esse o resultado. Sim, é positivo, agora eu tenho você em mim. Eu tenho que aprender a viver com você até chegar ao fim. Mesmo sabendo que não é o fim, mas o começo.

Eu, Girassol, não me julgo, nem me aponto. Mas vejo que tudo que aconteceu, foi o início de um florescer e de poder reconhecer a minha alegria.

Eu não sou um hiv

Cleusa Helena

Eu não sou um hiv.
Mesmo que teve um tempo que me senti um,
 quando houve discriminação com minha vida.
Senti muita raiva diante do preconceito.
Me senti um nada!
Mas tudo mudou
 quando percebi que viver depende só de mim
e optei por isso.
Minha vida se tornou mais leve.
Trabalho, estudo e me divirto sempre que posso,
 faço viagens e guardo os melhores momentos.
Pensar em hiv se tornou apenas um tratamento.
Minha filha, minha maior inspiração.
Tudo que passamos só nos fortaleceu.
Amo minha vida!

Meu corpo

Cleusa Helena

Ah, meu corpo.

Quantas vezes senti que não estava te valorizando,
estava triste por descobrir o hiv em você...

E, hoje, quando o tempo passou,
percebi que você é o que de mais importante tenho.

É com você que ando plenamente.

Vejo que você que me carrega
e devo respeitar-te cada dia mais,
zelar-te de tudo que possa te atingir.

Para isso, passei a controlar até a minha saúde,
tomar remédio, que no início te judiava muito,
e achava que nunca ia ter fim.

E, hoje, já estou melhor,
os remédios melhoraram
e passei a viver bem e melhor.

Levo uma vida tranquila,
bem tranquila,
sem se importar com a situação.

Vivo tranquila e em paz!

Para Sara

Cleusa Helena

Descobri que tenho aids
(era assim que se dizia)
Correr para onde? Se todos já estão correndo de mim.
Família, eu já não via mais.
Apenas queriam pegar minha filha.
Família? O que é isso?
Se agora, olho do lado, e vejo minha verdadeira família: a
Sara.
A Sara é minha filha
Que nunca me discriminou.
Por isso é minha melhor companhia.

Vivendo positiva

Elaine Oliveira

Ele chegou em uma hora difícil
Um pedaço de mim tinha morrido
Junto com a partida de minha mãe
E meu maior sonho era que nunca houvesse acontecido

Toda fase ruim tem fim
E com a chegada da tão sonhada cura
Hoje podemos dizer que a vida continua...
Aconteceu comigo e com algumas amigas
E todas essas amizades me dão força

Continuo a mesma menina
Com sonho e desejos
Aquele que sonhava casar com o dono do primeiro beijo

Na dura realidade aprendi
E com tudo sobrevivi
Mesmo sem forças pra sorrir

Hoje me considero feliz, livre de preconceitos e medos
Sou diferente e única
Sou pessoa vivendo
Vivendo positiva, com positividade

Do futuro não tenho medo
Quero o melhor dessa vida
Aproveitando o momento
Estou pronta pra enfrentar
Estigmas e preconceitos

Ninguém pode anular meus direitos
Nada pode diminuir meu valor
Quando o médico disse naquela hora do desespero
Que teria uma nova perspectiva de vida
Não compreendi, naquele momento

Cada dia um aprendizado
Em cada frustração crescimento
Sou muito melhor agora

Meu desabafo

Michelle

Raiva ontem
Raiva hoje
Raiva amanhã
Carregando algo que não era meu

Medo ontem
Medo hoje
Medo amanhã
De deixar esse algo me matar

Sofrendo ontem
Sofrendo hoje
Sofrendo amanhã
Com remédios, preconceitos e discriminação

Ainda sinto que não me pertencço
Ainda sinto que não sou eu
Ainda sinto que vivo na escuridão
Entre sorrisos
Entre família
Entre amigos

Carta aberta para meu corpo

Michelle

Querido corpo,
que me carrega, que me vê chorar, que me vê sorrir, que beija outras bocas, que sente o calor e o frio.

Querido corpo,
hoje venho me desculpar por alguns descuidos, pela falta dos nossos melhores amigos, as TARVs. Por colocar a culpa das quedas de cabelo, pelas alergias, pelas herpes e pelas doenças oportunistas que surgiram ao longo de nossa vida.

Querido corpo,
obrigada por ter sido abrigo do meu menino. Nos transformamos e mudamos. Ainda carrego marcas dessa mudança que, para mim, significam muito.

Querido corpo,
obrigada por toda regeneração, por aceitar o novo. Prometo cuidar mais de você e, se eu não conseguir, seja, como antes, o meu abrigo.

Lembranças da infância 1

Michelle

in memoriam

William Macedo, Indaiara, Rafael, Daiane, Bruna, Bruno,
Adriano, William, Aurélio, Thompson, Silas,
Marcinho, Cleiton, Ingrid,
Renan, Ruan,
Diego

Lembranças da infância 2

Michelle

Marília

Sabrina, Lorrany, Raquel

Jaine, Victoria, Agnes, Juliana, Ana Paula

Gabriel, Maria Carolina, Tatiana, Carlos Eduardo

Juciliene, Maikon, Fábio, Matheus, Emanuel, Wesley, Juliano

Lembranças da infância 3

Michelle

Ao Padre e pai,
Que fazia a melhor polenta com frango
Que nos dava bronca quando não nos comportávamos
Que sempre deu o seu melhor por nós

Hoje, você pode não se lembrar de mais nada,
O que me deixa numa tristeza sem fim

Mas fica aqui a minha gratidão
por todos os anos dedicados a nós,
seus filhos do coração.
Te dedico.

A menina do sorriso fácil

Michelle

Numa época difícil, ela nascia
Pra muitos não vingaria
Preta, magra, doente
Mas lá estava ela
Sempre sorridente

Como se sente?
Um caso indefinido
Ela dança, ela canta, ela anima
Mas como é graciosa essa menina

Tem como não amar?
Desejada por uns,
odiada por outros,
De sorriso fácil, ela encanta
Se descobrindo e vivendo

Que descoberta maravilhosa!
Ele, ela, ela, ele
Aos beijos, apertos e carícias
Nossa, que delícia!

São Paulo, 12 de julho de 2024, 6ª feira

Katia Valério

Olá, tenho 52 anos, sou solteira, moro em São Paulo, tenho um filho de 15 anos. Preciso falar do meu corpo: já se faz 23 anos de sorologia. Eu preciso me perdoar, porque eu judiei muito do meu corpo, não me cuidei direito, eu fiz muito mal para o meu corpo, passei muitas dificuldades, pensei que iria morrer! Agora, pensando bem, já chega! Eu tenho que dar mais amor e carinho ao meu corpo para gerar mais saúde e poder viver mais! Meu corpo, estou agora pedindo desculpa e perdão, não quero mais judiar do meu corpo! Preciso me dar mais valor e saber que tenho muito para viver nessa vida. Estou perdendo meu corpo, agora, nesse momento. Quero, a partir de agora, dar mais amor e carinho para o meu corpo, abrindo oportunidade para entrar mais alegria de viver e poder expressar o melhor do meu corpo! Assim, vou seguir a minha vida, sabendo que o meu corpo merece tudo de bom e do melhor!

Meu corpo, minha vida

Meu corpo, minha paz

Meu corpo, minha sobrevivência

Meu corpo, minha felicidade

Meu corpo, meu amor

Meu corpo, minha excelência

Meu corpo, minha esperança
Meu corpo, minha liberdade
Então, agradeço ao meu corpo pela minha saúde e sobrevivência. Dou ao meu corpo todo o meu carinho, amor, paz, felicidade, esperança.
Viva meu corpo!
Sou grata!

Como transicionar um espelho

Laura Marcelli

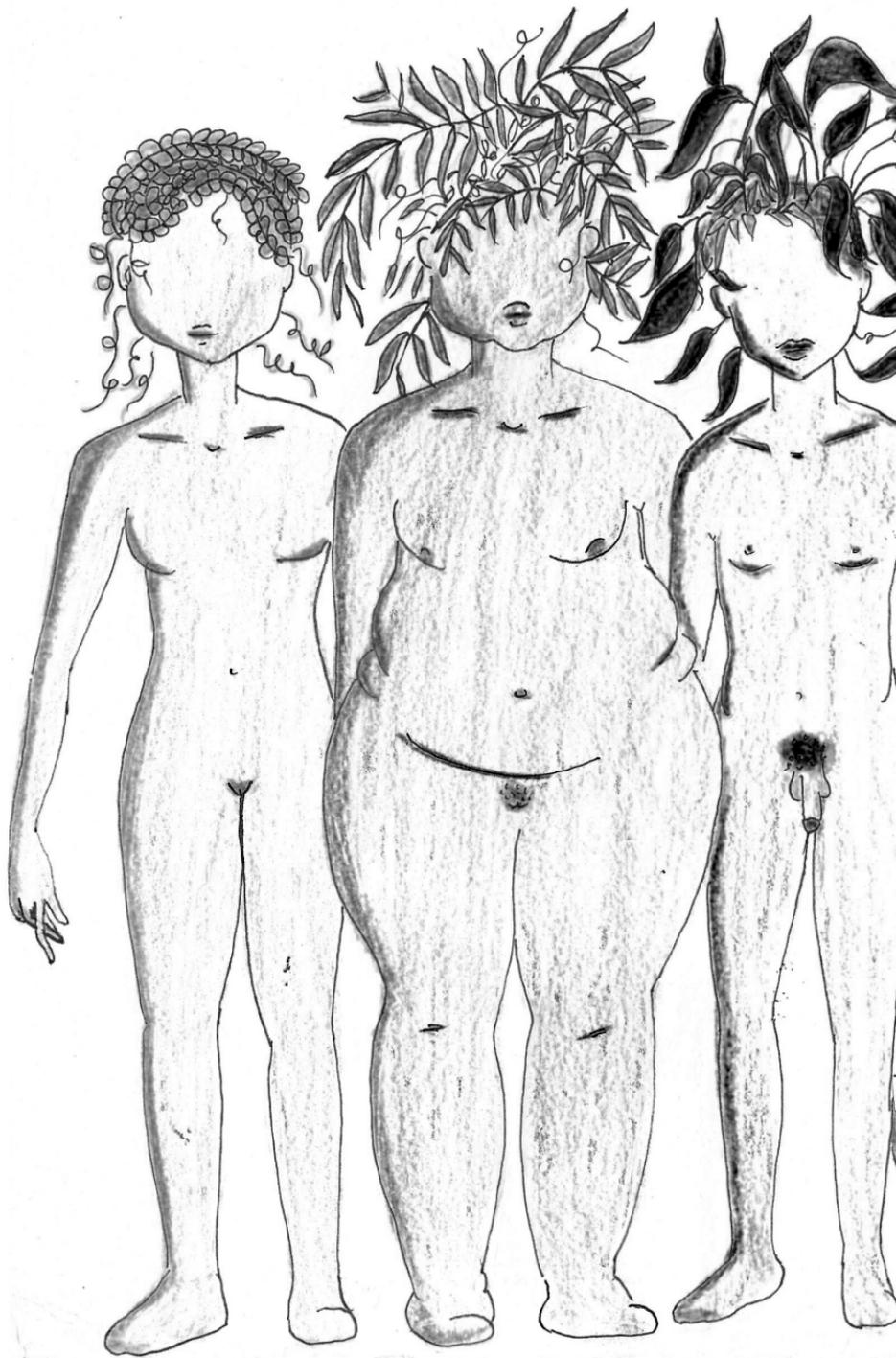
Espelho, espelho que às vezes não é amigo meu
Distorce minha imagem
Forma inalcançável
A mandatária maquiagem
De dinheiro é que se faz a travesti passável

Estica, puxa, acuada, rasga, preenche, aumenta
Tá confortável?
Queima, encolhe, risca e amarra
Corpo tão desejável
Fetice de muitos
Será que é amável?

Mais do que fetice, ela quer ser amada
Existe procedimento estético pras incongruências da alma?
Que médico eu procuro pra uma boa prótese de afeto?
Enquanto me olho no espelho distorcido das redes sociais
Camadas e camadas de filtros
Tiram de vista a minha autoestima

Enquanto respiro fundo, repito como um mantra:

Espelho, espelho meu
Não há ninguém nesse mundo como eu
Eis aí a glória de ser travesti:
- Não precisar se comparar com gente cis
Tenho bunda, peito, rosto e tudo de travesti!
E não há nada o que subtrair
A beleza, hoje, está aqui!





Mandinga trans

Laura Marcelli

O manto da sagrada deusa é seu cabelo
Suas doses diárias de hormônios são como hóstias consagradas

O laser que queima seus pelos é o incensário
Compõem a santíssima trindade dessa divindade

- A TRAVESTI

Corpo que invade espaços
Usando do artifício da passabilidade

É reza e feitiço

Catiça saravá o meu corpo-templo em rebuliço
Que quando atinge o inferno do mercado de trabalho

Verga, pende, balança e dobra

Mas não cai

Se tivesse na esquina, seria adorada ainda mais

“Que linda ela trans e professora”

Só o corpo é que sabe o quanto custa

Mente, alma e coração

Sentir-se sempre só na multidão

É um mundo cis, cis, cis

É o mundo cão

Me faz cadela mendigando o pão

Meu latido vem no fim do dia quando solto a neca

vermelha, lacerada, machucada da acuadação
De tanto ter que esconder meu pau
Em nome de toda uma norma que nos maltrata
Peço perdão a este corpo-templo travearcal

Jujubas sob o leite esparramado

Laura Marcelli

Ele era um boy padrão
Chegou em casa de moto
Transamos com pencas tesão
De manhã, veio uma amiga me visitar
Uma tempestade de peso na consciência
Medo da discriminação
O que fazer diante de um possível preconceito pós coito?
E ele ainda era um boyzão
Fui pra cozinha e fiz um leite amargo
Especialidade da casa
(comprimidos amassados e misturados)
PEP caseira? Feitiço de prevenção?
Eu não sabia que I era igual a I
De nada adiantou as consultas com o infecto
De nada adiantou a unção
Era só eu em desespero
Enquanto ele
cuspiu com raiva
O leite
e o meu afeto

Primeiro ato

Márcia Valentim

Diagnóstico, vírus ou uma gravidez?
Gravidez, felicidade, suspiros de alívio.
Mas, no meio do caminho, o abismo, um vírus.
Aceitar ou desistir?
Nesse abismo, vieram à tona os julgamentos, dores e
rancores.
Chegar no fundo do poço, se cobrar.
E minha fé?
Como me recuperar e poder me salvar?
Conseguir me erguer, sobreviver e escolhi viver.

Segundo ato

Márcia Valentim

Escolhi viver...

Nesse turbilhão de recomeços, os tropeços.

E, com eles, os aprendizados.

Pedi ajuda e, nas minhas incertezas,
com o tempo, de surpresa, superei.

Encontrei o amor.

No meio disso tudo, havia duas crianças para cuidar e amar.

Consegui, devagarinho, me erguer, me cuidar.

Comecei a trabalhar e a me aventurar.

E, no final, posso dizer que o meu diagnóstico e o vírus

Não são o meu destino e, sim, a escolha para um novo
caminho.

Sem título

Mariana Lima Paulo

e ela saltou.
num mergulho eterno.
à superfície não volta mais.

a agonia constante a faz achar que,
submersa,
não expira,
nem inspira.

mas é inundada de si que vem à vida.

descobre que não morreu.
muito pelo contrário.
acabara de nascer.

Blackface

Marina Vergueiro

Quando a aids foi batizada,
Ela ainda não tinha nascido.
Filha de mãe lésbica gold star,
Virgem segundo o ginecologista,
A aids é órfã de pai vivo,
Que nunca gozou fora
E jamais se testou para ISTs.

Ela nasceu sem cor,
Mas pintada de preto ainda na infância.
Antes de balbuciar as primeiras palavras,
A aids entrou no armário
E lhe carimbaram:
homem gay,
puta,
travesti,
drogado.

Tudo errado!

A aids é uma vizinha de 70 anos
Uma jovem esposa bela, recatada e do lar

Uma sapa de estupro corretivo
Uma Fátima de Tubarão
Ou engenheiro conservador
Ou médico antivax
Ou bolsonarista mulherengo
Ou pastor cristão
Ou red pill
Ou roqueiro de direita
Ou homofóbico enrustido
Ou judeu sionista
Ou terraplanista boomer
Ou catarinense nazista

A aids sobreviveu à pedofilia.
É um squirt de alegria.
Tem o cú cheio de dinheiro
e é tão miserável quanto uma menina subsaariana.

A aids é protagonista de toda repulsa,
Casada ad eternum com a culpa.
Poligâmica, mesmo quando mono.
(Só para as mulheres, claro)
Ela é uma tia suja, devassa, encalhada,
Que faz a comida mais gostosa do mundo
E sempre te dá um dinheirinho escondido.

A aids é uma amante bela e sedutora,
Que faz você se detestar,
Se execrar,
Se aniquilar..
Mas não te dá outra opção
Que não seja autocuidado.
A aids pode ser o anjinho do teu lado.

Viver é uma montanha-russa

Menininha

Anos 1980: Amor escondido/amor inventado

Eu era adolescente

Ele era um parente

Eu não sabia o que era sexo, ele dizia para mim que era só carinho

Anos 1990: Descoberta da gravidez e do hiv

Gerando a vida, esperando a morte!

Anos 2000: Chegada dos antirretrovirais

Merda, não vou mais morrer!

Morrer jovem me parecia bom demais!

Ano 2020: Indetectável = Intransmissível

Baixei Apps de namoro, quer dizer, sexo.

Prazer sem medo e sem culpa.

Não existe rotina nem monotonia

Viver é uma montanha-russa

O hiv se tornou só uma sigla!

Quer pagar pra ver?

Menininha

Sou menininha
Sou marota
Cheia de tesão e hormônios
Sou linda, leve e solta

Sou uma bomba
Se eu te beijar
Se eu te lamber
Se eu te comer
Será que você vai morrer?

Tenho um segredo que me apagou para mim
Porém, me acendeu para você!
Muito prazer... eu sou sua dona!

O meu espelho

Menininha

Olhando no espelho me vejo...
Sou um menino alegre!
Um jovem aventureiro!
Sem medo de viver a vida!

Pulando de um penhasco,
No mar de Nazaré,
Surfando as ondas,
Voando, correndo, gritando.

Um herdeiro do vírus
Que se chama resistência.
Sou filho de uma mãe com hiv.
Sou mãe de um filho sem hiv.

Meu anjo

Menininha

Menina, por que chora?
Menina, por que quer morrer?

Anjo, descobri que tenho aids.
Não tem nada pra mim neste mundo.

Você descobriu quando?

Descobri hoje.

E quer morrer por que?
Se você já vive com esse vírus há tantos anos?

Acho que desde 1986.
Mas sempre tive medo de me testar.

Você não é o vírus.
Você continua sendo você!
Bora Viver!

In memoriam Araújo

Sala de acolhimento

Menininha

No início

Que vírus é esse?

Sou mulher, por que estou com isso?

Somos lindes, vamos ficar feies?

Temos dinheiro, vamos gastar tudo!

Vamos mostrar a nossa cara.

Somos iguais a vocês!

Queremos direitos! Saúde! SUS para todos!

Queremos viver.

Hoje

Tudo bem, já sei, é só uma doença crônica.

Não tenho emprego.

Perdi meus benefícios.

Não tenho dinheiro.

Tenho fome...sede.

Estou triste!

Estou depressivo.

Estou doente.

Quero morrer.

Vida Culpada

Raquel Vitória

Culpada e preocupada
Assim quero ter
Uma vida sem culpa, uma vida com amor
Mães com medo dos seus bebês, mães chorando em
alimentar
Vírus, vírus só pensar
Segurança e amor
Amar, abraçar e conversar
Assim deve ser
Medo de contar, medo de viver
Medo de culpa, medo de chantagem

Cabeças à parte

Raquel Vitória

Anos atrás, pouca beleza
8º ano, nem sabia que tinha
Assim que descobri, pensei: “Acabou meu mundo”
Mas percebi que não é 4 cabeças.

Raiva e amor
Abraços e tapas
Xingamentos e violências
Impurezas, incerteza
Sexualidade e corpo.

Amar é viver
Viver é amar
Pode escolher
Pode pensar com todos ou nenhum.

Vivendo e aprendendo

Raquel Vitória

Há um tempo eu descobri
Descobri que nasci com hiv
Fiquei me perguntando durante o processo “tô ferrado mas
espera? O que é hiv?”
Pesquisei e perguntei
E, agora, trabalho com o que algumas pessoas acham que é
contagioso e perigoso
Não, não, se se cuidar, não é não.
Há muitas maneiras, maneiras de viver e aprender.
Com certeza, agora sei, mas há muito a aprender
Esperando a cena, esperando contato, esperando notícias
dizendo “cura para o hiv chegou”
Há muito tempo, muito tempo eles não acharam e há muito
tempo está ao redor.
Temos muitas, muitas coisas do qual não podemos explicar
como ou quando.
Esperança vem, esperança vai, mas não estamos sozinhos.
ONGs de paz, ONGs de conforto está em volta.
hiv, aids e sífilis.
Não é algo a se temer, mas sim de proteção e cuidados, não
só das pessoas que não tem e sim também das que tem.
Há um tempo eu descobri

Descobri e medo tive.

Descobri e fiquei com dúvidas de... quando, onde e quem?

E outras dizendo “por que?”

Minha vida é uma mentira? Ou só uma forma de dizer que aconteceu?

Vivendo e aprendendo

Com medo e rancor

Vivendo e aprendendo coisas novas a serem realizadas

Vivendo e aprendendo que se não fosse pelo hiv não teria o emprego.

Vivendo e aprendendo

Que isso é passageiro que algum dia acabará.

Vivendo e aprendendo só quem pode amar.

Inesquecível amigo Gil

Vera Lu

Ontem recebi uma notícia
Que você virou uma estrelinha
Partiu meu coração.
Meu amigo,
Vou lembrar sempre dos seus cachinhos
Do seu lindo sorriso
E de todo o seu carinho por mim
Vou te amar para sempre!
Você sempre aplaudiu o meu show!
Deu bons conselhos pra eu viver bem, apesar de tudo de
ruim que eu passava!
Gratidão.

Corpo

Vitoria Cruz

Corpo que me carrega
Copo que me sobrecarrega
Corpo que sente os devaneios
Copo que me rega

Desejo que me atravessa
Beijo que me conecta
Seja em qualquer hora ou momento
Tesão ou afobamento

Corpo e copo
Raiva e preconceito
Discriminação e descontentamento

Corpo e copo, para além de corpo,
que pulsa a vida,
e copo que me sacia
ou me vicia

Corpo e copo
Copo e corpo
Cor e Couro

E o que mais pode ser?
Meu corpo e o copo ainda
requerem mais algumas gotas.



Posfácio

Grupo de Incentivo à Vida e Acervo Bajubá

Este livro foi o resultado de cinco oficinas presenciais, com mediação de Marina Vergueiro, organizadas em parceria entre o Grupo de Incentivo à Vida (GIV) e o Acervo Bajubá. É o terceiro livro que produzimos a partir desta parceria, mas é o primeiro que foi produzido em encontros de escuta, acolhimento, escrita e criação coletiva na sede do GIV.

A ideia de produzi-lo surgiu a partir de uma percepção da ausência de textos publicados por mulheres sobre suas experiências e vivências com hiv/aids. Todas as autoras da coletânea participam dos grupos do GIV, como o Toque de Mulher e o Viver Jovem, ou são voluntárias no atendimento às pessoas que chegam à organização.

Na década de 1990, o GIV foi uma das organizações pioneiras na atenção específica às mulheres que vivem com hiv/aids. Este livro é uma afirmação da importância deste trabalho. E uma homenagem àquelas que ajudaram a construí-lo.

Pessoas autoras

Ana Izabel

Afrobege, mãe solo, 30 anos, favelada da zona sul de SP. Com um humor peculiar, ácido e cínico. E mesmo com tudo que a vida lhe negou, ainda insiste em ser gente boa pra caramba. Claro, há quem discorde, mas afinal nem todo mundo tem bom gosto.

Ana Paula Ornellas

Nasci com hiv, tenho uma irmã gêmea e dois irmãos. Sou ativista, umbandista e esportista. Realizei meu sonho de ser médica veterinária. Trabalho com o bem-estar animal, através da acupuntura. Gosto de estar em contato com a natureza, cachoeiras, matas, parques e praias. Fui uma criança muito feliz e continuo sendo!

Andrea Ferrara

Mulher cis, umbandista, com mobilidade reduzida, briguenta com as questões de acessibilidade, leitora compulsiva, falante, curiosa e indecisa, adora conhecer cafeterias pela cidade de São Paulo. Voluntária do GIV - Grupo de Incentivo à Vida desde 2005, onde coordena projetos para as juventudes.

Angel Natan dos Anjos

É artista e travesti. cursou licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade Paulista de Artes (FPA), mãe do cachorro Ariel, viciada em café. É artista, educadora e pesquisadora do Acervo Bajubá, projeto comunitário sobre a comunidade LGBTQ+

Aninha do PACS

Vivo com hiv desde 2021, libriana, 52 anos. Mãe de Duda e Gi - as gêmeas mais lindas do meu mundo. Ativista e defensora dos direitos humanos, dos direitos das pessoas vivendo com hiv/aids e da luta anti-racista.

Bruh Francisca de Sousa

Sou mulher cis plus size, tenho 32 anos e vivo com hiv há 7 anos. Mãe da Larah. Amo os animais. Sou kardecista e acredito no sobrenatural. Produtora de eventos, em breve me formarei em Engenharia de Produção.

Cassia Maria Braga

Tenho 60 anos. Amo cantar, dançar e conversar. Meu prato preferido é strogonoff. Há quase 30 anos, frequento o Grupo de Incentivo à Vida (GIV), que é primordial na minha vida.

Cícera Danuze

Mãe e avó. Psicóloga voluntária do GIV. Gosto de ler, ir ao cinema e ao teatro. Adoro momentos em solitude, com minhas gatas, cuidar de mim e da minha casa.

Cleusa Helena

Vivo com hiv desde os 20 anos, mãe da Sara, que nasceu sem o vírus. Amo estar com pessoas queridas e curtir a vida. Meu maior prazer é viajar com minha filha para conhecer a gastronomia de lugares diferentes.

Elaine Oliveira

Mulher, 49 anos, esportista, mãe atípica que pratica corrida junto com o seu filho PCD. Adora cinema e teatro. Participa pela primeira vez de uma coletânea de poesias.

Girassol Andrade

Mulher cis preta, 43 anos, gosto de música black e samba. Sou justa, espiritualizada, sensível e humana. Gosto mais de animais do que pessoas. Uma feijoada sempre cai bem!

Katia Valério

Mulher preta, trançada, com orgulho de seus ancestrais, mãe, com paixão pela escrita e pelo canto. Amo lasanha e pudim. Escuto hip-hop desde 1990.

Laura Ribeiro

Travesti, 33 aninhos, escritora, poeta, comunista, professora de inglês, pedagoga, gamer e apreciadora de um bom baseadinho. Odeio coentro e vivo com hiv desde os meus 17 anos. Peguei trepando.

Marcia Valentim

Tenho 56 anos e há 26 vivo com hiv, paulistana, separada, tenho duas filhas e um neto, o Luã. Cursei técnico em administração. Parei de trabalhar quando minhas filhas nasceram e retornei aos 40 anos. Trabalhei 12 anos em uma

imobiliária, agora ajudo minha filha a cuidar do meu neto. Adoro dançar, viajar e curtir meus amigos. Faço parte do Toque de Mulher do GIV.

Mariana Lima Paulo

dentre um amontoado de coisas, psicóloga no SUS e no GIV. mulher, cria da ZL de SP, 31 anos de vivências e uns 20 deles fazendo arte e escrevendo só pra mim segredos nada secretos. até agora.

Marina Vergueiro

ainda na infância/apresentou sintomas de poesia/não foi vacinada/e controla a patologia/com pílulas de introspecção e boemia

Menininha

Mãe, viúva duas vezes. A primeira, por aids e a segunda, por covid. Gosto de artesanato, cozinhar, dançar, paquerar e, principalmente, fofocar.

Michelle

Tenho 32 anos, vivo com hiv por transmissão vertical, sou mãe, preta, amo os animais e as plantas da minha mãe. Gosto de comida japonesa e strogonoff. Dedico minha escrita à minha terceira casa, o GIV, onde conheci pessoas e histórias, nosso lugar de acolhimento e pertencimento

Raquel Vitória

Tenho 19 anos, nasci com hiv. Gosto de viajar e conhecer pessoas e lugares novos! Quero ser repórter e conhecer o mundo!

Vera Lu

Tenho 69 anos, sou voluntária do GIV. Adoro meus netos e netas. Gosto de dançar e fazer show nos saraus. Gosto de namorar, viajar, cozinhar e comer bem. Amo perucas!

Vitoria Cruz

Sou uma mulher negra, teresinense, de 24 anos, estudante, estou grávida. Gosto de rap, atividades ao ar livre e socializar.

Grupo de Incentivo à Vida

O Grupo de Incentivo à Vida é uma ONG que foi fundada em 1990 e que luta pelos direitos das pessoas vivendo com hiv/ aids (PVHA) e das populações mais vulneráveis à infecção pelo hiv. O GIV realiza trabalhos no âmbito da prevenção, da luta pelos direitos e contra o preconceito, tem grupos de vivência para jovens, mulheres e LGBTQIA+, possui apoio psicológico, de serviço social e jurídico, práticas integrativas e complementares, proporciona palestras, cursos e oficinas.

Mais informações: giv.org.br



Acervo Bajubá

O Acervo Bajubá é um projeto comunitário de registro de memórias das comunidades LGBTQ+ brasileiras. Como parte de sua proposta de promover e difundir a cultura, o patrimônio histórico e artístico e as memórias das comunidades LGBTQ+ brasileiras, colabora com exposições, promove capacitações sobre história e memória e produz projetos audiovisuais de registro, mediação e circulação de narrativas sobre as histórias de pessoas LGBTQ+ no Brasil.

Mais informações: acervobajuba.com.br



Selo Editorial Autoria Compartilhada

O Jardim Miriam Arte Clube (JAMAC) é um espaço cultural localizado na zona sul de São Paulo. Criado pela artista plástica Mônica Nador, o JAMAC é um projeto pensado e gerido coletivamente desde 2004 e tem como objetivo central construir processos de formação que estimulem encontros entre arte e vida, estética e política.

O selo editorial Autoria Compartilhada parte do diálogo do JAMAC com grupos culturais do território da Cidade Ademar, Pedreira e Jabaquara. A iniciativa se propõe a desenvolver publicações que contribuam na documentação e circulação da literatura e da produção artística desenvolvida na região e por projetos parceiros, integrando ação e reflexão críticas em processos comunitários e coletivos.

Mais informações: linktr.ee/jardimmiriamarteclube

Esta publicação é o resultado de uma oficina ministrada por Marina Vergueiro, com apoio de Marcos Tolentino, na primavera de 2024, no Grupo de Incentivo à Vida (GIV). O livro foi composto nas tipografias Bitter e Nilland, e a primeira tiragem foi produzida em São Paulo, em novembro de 2024.

Organização: Andrea Ferrara e Marina Vergueiro

Revisão: Andrea Ferrara e Marcos Tolentino

Capa: Angel Natan dos Anjos

Ilustrações: Ana Izabel (p. 12), Angel Natan dos Anjos (p. 6, 23 e 68) e Laura Marcelli (p. 46 e 47)

Projeto gráfico: Bruno O.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Poesias de cura / [organização Andrea Ferrara, Marina Vergueiro]. -- 1. ed. -- São Paulo : Autoria Compartilhada, 2024.

Várias autoras.

ISBN 978-65-83215-03-1

1. AIDS (Doença) - Pacientes 2. Grupo de Incentivo à Vida (GIV) 3. Poesia brasileira - Coletâneas

I. Ferrara, Andrea. II. Vergueiro, Marina.

24-231950

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Poesia : Literatura brasileira B869.108

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



BAJUBÁ
MEMÓRIA LOBO

 **LEVI
STRAUSS
FOUNDATION**